

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO

O Seculo Comic

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.*

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Alijando o fardo



ZE' RELVAS:
—O fardo era pesado de mais para mim. Venha outro, que eu já estou... derreado!



PALESTRA AMENA

O «casse-tête»

Primeiro que tudo, muito desejaríamos que nas informações oficiais acerca do novo armamento da policia, se empregasse uma palavra portuguesa em vez da franceza *casse-tête*; qualquer dicionario, segundo supomos, esclareceria o curioso, não faltando vocabulos a designar o pausinho com que, á moda ingleza, os nossos policiaes vão ser armados, em substituição da escopeta dezembrista. Para fixar, aí vai uma, bem nacional: é *moca*, do conhecimento geral, popularizada do norte ao sul de Portugal, não faltando quem a conheça até por ter usado do objeto assim designado ou por ter levado com ele.

Ora, pois, *casse-tête* ou *moca*, temos de bordar sobre ela algumas rapidas considerações, a primeira das quais é que não somos inglezes e, por mais que a aliança irmane os dois povos, eles, que são de indole muito diversa, pela educação são também diversissimos.

Porque o pausinho em Inglaterra é suficiente para conter o povo em respeito, segue-se que obtenha entre nós igual resultado? Já em tempos aqui dissemos, se a memoria nos não falha, que vivemos entre cidadãos reportadores por natureza, mortinhos sempre por contrariar a autoridade, e tanto que bastou em tempos colocar nos candieiros do Chiado o aviso de que se devia seguir pela esquerda, para toda a gente passar a seguir pela direita. Sendo assim, não é de crer que quando um guarda faça na rua um sinal com a *moca*, a sua intenção passe despercebida — na melhor das hipoteses, que a mais provavel é a pessoa a quem o guarda vise praticar o inverso do que o pausinho indica?

O estado de perfeição a que seria preciso chegar, publico e policia, para se respeitarem mutuamente, de modo que aquele obedecesse sempre e esta não exorbitasse nunca, levaria largos anos a formar-se, se fosse possível existir em povos impulsivos. Ao pé da porta temos um semelhante ao nosso, para o qual o pausinho seria incontestavelmente inutil, acontecendo, no entanto, que respeita em absoluto a *guardia civil*, sem proceder de identico modo para com as outras especies de policia. Mas qual é a razão d'essa obediencia, que assombra os estrangeiros que a presenciavam? Todos a conhecem: é que a benemerita não faz a minima cerimonia com os desobedientes, devendo-se, pois, a aparente compreensão dos deveres do cidadão, apenas ao medo, incompativel com uma civilização adiantada.

Em resumo: a espingarda na policia é atributo de reprovar, porque esta não vai para a guerra e o povo não pode ser tratado como inimigo, a *moca*, porém, afigura-se-nos pecar tanto por defeito quanto a escopeta por ex-

cesso, opinião que, afinal, talvez seja erronea, como muito desejamos, prometendo, pela nossa parte, o maior acatamento ao novo armamento policial.

J. Neutral.

Imposto sobre os solteiros

Aventa-se por aí a idéa, sugerida pelo que se passa lá por fóra, de lançar uma contribuição especial sobre os rapazes e raparigas que cheguem a determinada idade, sem casar.

Podíamos perfeitamente deixar passar a noticia sem comentarios caricaturaes, porque não corremos o risco de pagar tal contribuição, mas cabemos o dever de protestar, em nome dos que por mais que façam, nunca conseguirão encontrar com quem noivem.

Pois que culpa terá uma pessoa de



ser feia, de não ter dinheiro, emfim, de não possuir requisitos que atraiam a pessoa do sexo contrario a ponto de contrair o matrimonio?

Será uma medida financeira de grande alcance, mas não nos parece justa: o celibato é, por ventura, alguma regalia, para que o Estado a tribute?

Salvo melhor opinião, o razoavel seria não tributar os solteiros nem os casados, mas os que vivem n'um estado intermediario: esses sim, que deviam pagar imposto, pelo mesmo motivo que algumas mercadorias pagam sobretaxa de importação — por serem objetos de luxo.

DE FÓRA

Los osos y la miel...

A Conchita Ulla

Senorita de Ulla, señorita:
En la lista de mil revoluciones
una mas puso usted — de corazones
prendidos con pastón de su boquita...

¡Cuando tantas habia que — Conchita
perdone mis malisimos renglones —
nos íbamos quedando sin varones,
van los que quedan trás de su carita!...

Al verlos deslumbrados por el sol
de sus ojos tan bellos, tan preciosos
y el perfume soñado de su piel,

se lo digo en malisimo español.
— Me acuerdo — ¡no se ría! — de los osos
que se pierden — ¡los pobres! — por la
miel...

GIL AFONSO.

Literatura de pano de boca

Com a mania que tem de se meter em toda a parte, a literatura meteu-se agora nas companhias de seguros — uma d'estas até deu um premio á letra, em verso, para um hino patriotico — e lá está nos panos de boca dos teatros da capital, com esta maravilha:

*Seja aqui ou seja algures
Quanto tiveres, quanto seguros.*

E' genial, mas sem pretensão de revalidar com o autor, pedimos licença por apresentar as seguintes variantes, que também não são más de todo:

*Seja aqui ou seja além
Segurar tudo, convem.*

*Seja aqui ou n'outra parte
Fazes bem em segurar-te.*

*Seja aqui ou seja lá
Deves segurar-te e já.*

*Seja aqui ou mais abaixo
Sem seguro é o diacho!*

*Seja aqui ou em Palmela
Segurar-se é tal cautela.*

*Seja aqui ou na Porcalhota
Quem não se segura é um idiota.*

Etc. Se quizessemos, podíamos perfeitamente encher toda a folha com parrelhas analogas — tanto é a força da nosso inspiração!

Los de Olivenza

Dizem de Hespanha que os nossos estimaveis *vecinos* de Olivença, prevenindo uma pretensão que nunca passou pela cabeça de nenhum portuguez, protestaram ao governo de Madrid que não querem, de modo algum, mudar de nacionalidade.

Pelos modos estão contentissimos com a sua sorte — e nós também, porque primeiro que Olivença tomasse geltos de portugueza, muito trabalho nos daria: dizem-nos que as suas ruas são estremeiras, que os porcos andam lá pela rua como pessoas, emfim, que



a menos civilizada das nossas aldeolas é um brinquinho comparada com tal burgo.

Amigos olivencenses, ou lá o que são: continuem a ser hespanhoes, que nós passamos perfeitamente sem vossés. Lá por Africa temos muito de isso...



Correspondencia

Zê Acre—Lamentamos que as quadras não possam publicar-se; é tão raro o correio trazer-nos coisa de geito!

Liborio—...é vulgarissimo, pelo contrario, trazer-nos borracheiras: por exemplo, os disparates d'este *Liborio* e de outros que julgam que fazer versos é tão facil como fazer p...iruetas. Bolas!

A' procura do Amadis de Gaula

Já todos sabem que o illustre poeta sr. Afonso Lopes Vieira foi encarregado de ir ao estrangeiro saber noticias de um certo Amadis de Gaula, que pelo nome não perca mas cujo paradeiro muito convem conhecer, para fins que é ocioso expor.

E' de louvar o governo e são poucos todos os elogios que se façam ao referido literato, que vai correr as seté partidas do mundo no meio de riscos de toda a ordem. E' de crer que



vença todas as dificuldades e que, já agora, o governo se resolva a esclarecer outras importantissimas questões, comissionando pessoas competentes para semelhantes empreendimentos.

Eis o que urge saber:

1.º—A razão por que ao pão quente se chama fresco, porque se ele é fresco não é quente e se ele é quente não é fresco. Para esta missão está naturalmente indicado o sr. Castanheira de Moura.

2.º—A razão por que se diz que são frescos os chocos pescados recentemente, sendo igualmente certo que se são frescos não são chocos e se são chocos não são frescos.

E' problema de que se pode encarregar, por exemplo, o sr. dr. Osorio, professor de zoologia.

3.º—Não estando ainda averiguado de que cor era o cavallo branco de Napoleão, conveniente nos parece que se mande alguém lá fóra para pôr o caso a limpo. O poeta Sevilha, muito enten-



dido em cavalos, decerto se sairia bem do caso.

4.º—Quem é o pae do filho de Zebedeu? Ha muitos seculos que a humanidade aneia por dar uma resposta satisfatoria e até agora, tres vezes nove. Trata-se d'uma questão juridica interessantissima, mas tão complicada que, com a maior franqueza, não vemos aí quem tenha as habilitações que ela exige. Emfim, á falta de melhor estamos nós á disposições do governo.

A «Estrela de ouro»

De vez em quando a sua anedota inocente não deixa de ter cabidela.

Vieram pela primeira vez a Lisboa, em tempos que ha muito passaram, o sr. Aniceto do Canto e sua esposa, naturaes de Aldeia da Lousa, onde eram considerados proprietarios. Chegados á capital deliberaram logo no dia seguinte ir a S. Carlos, onde se representava uma opera que nem por isso logrou grande fama, e que se intitulava a *Estrela de ouro*, uma das corôas de gloria do celebre tenor Stafuchini, notavel principalmente pelo aparato e pelo cenario, apesar de ainda não existír o notavel cenografo Mergulhão.

Chegou a noite, Aniceto do Canto e esposa dirigiram-se ao teatro, compraram bilhetes de geral, vulgo *galinheiro*, e foram sentar-se nos seus logares meia hora antes do espectáculo começar. Em frente d'elles pendia aquelle enorme lustre que todos nós conhecemos, cujos bicos se acenderam pouco depois dos dois provincianos chegarem. Ao acender o ultimo e depois do lustre ter subido, o Aniceto perguntou á esposa:

—Então que tal achas? E' lindo, não é?

—Lindissimo, Aniceto. Bem empregado dinheiro!

Admiraram durante uns dez minutos e por fim o homem propoz:

—Já viste bem?

—Já.

Dr. Domingos Pereira

Assim, na Presidencia e Interior, Alguma coisa creio que fará, Se não boa de todo, menos má, Impossivel na pasta anterior.

N'ela agradou, mas faça-me favor, Medite um bocadinho e venha cá: Se a instrução é coisa que não ha Que estava ali fazendo o sôr doutor?

Internamente, estamos muito bem, Registe com muitissimo prazer Que pode trabalhar como ninguém,

Ha já uma questão a resolver Para mostrar as aptidões que tem: Com: é que a gente vive sem comer?

BELMIRO.

—Então, vamo-nos embora?

—Vamos.

E saíram, guardando durante muitos anos na memoria a recordação do extraordinario brilho da *Estrela de Ouro*.

Susto papal

Sua santidade e os seus cardeais não ganham para o susto! Ha poucos dias 300 padres italianos reuniram-se e resolveram pedir ao papá que decreto o casamento dos padres, o que produziu no Vaticano um escandalo tal-



vez superior ao que causou a papisa Joana quando se lhe descobriu o sexo!

Sabemos que o clero portuguez não acompanhará os 300 colegas italianos; diz que se dá perfeitamente com o sistema actual, que concilia as promessas dos gozos celestes, para os que não casam, com a realidade dos gozos terrestres, sem a respomsabilidade dos casados.

Em todo o caso é de desejar que o nosso Benedito se 'humanise: lá por ele já estar petrificado, não se segue que os outros padress sejam de gesso!

No Alto de Santa Catarina



ZÉ POVÃO:

— Sempre a ver navios... dos outros!